

# CONCEPÇÕES SOBRE CORPO DEFICIENTE: IMAGENS, CONCEITOS E REFLEXÕES EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Luciana Erina Palma, Simone Teresinha Meurer, Silmara Elice Renner Matthes  
NAEEFA/CEFD/UFSM

## RESUMO

O presente estudo objetivou analisar as concepções sobre corpo deficiente de acadêmicos do curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria/RS e identificar como imagens de corpos com deficiência na prática de atividades físicas e esporte de alto nível interferem sobre as respostas imediatas destes acadêmicos. Foram utilizados questionários abertos, aplicados à 34 acadêmicos dos três semestres em andamento no momento da coleta de dados. Foi realizada a coleta inicial e, transcorrido o tempo de uma semana, foi exibida uma sequência de imagens de corpos com deficiência na prática de atividades físicas e esportes e, em seguida, aplicado um novo questionário. Para a análise, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Foram criadas categorias de análise com fundamentação teórica em Lüdorf (2003). Identificou-se através do primeiro questionário que o corpo ainda estava sendo compreendido dentro de uma perspectiva biológica, porém, pode-se visualizar que o curso de Educação Física vem contribuindo positivamente sobre as concepções de corpo dos acadêmicos, uma vez que as concepções daqueles de semestres mais avançados foram menos vinculadas a aspectos biológicos. Através do segundo questionário, identificou-se mudanças nas respostas imediatas dos acadêmicos, percebendo desta forma a interferência das imagens apresentadas. Destaca-se a importância deste estudo no sentido de incitar novas discussões referentes às relações entre a diversidade humana, especialmente às pessoas com deficiência, e a Educação Física, considerando o espaço do curso de graduação aquele adequado para dar suporte a estas discussões.

**Palavras chave:** Concepções sobre corpo, Educação Física, corpos deficientes.

## INTRODUÇÃO

Educação Física e corpo são termos intimamente ligados. Considera-se que o corpo constitui, juntamente com o movimento, a matéria prima da Educação Física.

No decorrer dos cursos de graduação em Educação Física, são várias as discussões em torno da temática do corpo, no sentido de entendê-lo e compreendê-lo. No entanto, estudos em torno do corpo deficiente e a relação deste com a Educação Física, tem pouco ou nenhum espaço. Assim, o presente artigo trata desta relação a partir de uma investigação realizada no contexto do curso de graduação em Educação Física – Licenciatura da UFSM.

A pessoa com deficiência, ao longo da história da humanidade, foi motivo de estigma, de rejeição e preconceitos, pois seu corpo apresentava algum tipo de deficiência, de diferença que, por sua vez, era julgado pela sociedade como um corpo inferior, incapaz, improdutivo e doente.

Ainda hoje, a grande maioria de pessoas com deficiência não frequentam academias, clubes e aulas de Educação Física porque a sociedade usurpou destas pessoas estes direitos, e não porque elas são incapazes. Que elas são capazes, não há dúvidas, mas é necessário que o profissional de Educação Física seja capaz de trabalhar com a diversidade humana e que compreenda o corpo numa perspectiva cultural, valorizando e maximizando todas suas possibilidades de atividade física.

A Educação Física como uma área em crescimento em dimensão e importância para a sociedade, vem se preocupando em formar profissionais críticos e conhecedores da proposta de inclusão; profissionais competentes e conscientes que o acesso e a importância da atividade física é para todas as pessoas e, para tal, deve proporcionar em seus cursos de graduação discussões e estudos acerca da diversidade humana.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Inicialmente foi aplicado um questionário aberto, composto por quatro questões abertas e uma que trazia espaços para estabelecer relações entre as alternativas apresentadas aos acadêmicos ingressos do curso de Educação Física – Licenciatura CEFD/UFSM. Destaca-se que no momento das coletas de dados este curso estava em período inicial, tendo então três semestres em andamento. Selecionou-se de forma aleatória uma amostra de 34 acadêmicos.

Transcorrido o tempo de uma semana após a aplicação do questionário inicial, foi exibida uma sequência de imagens de corpos com deficiência na prática de atividades físicas e esportes e também uma fita com imagens das paraolimpíadas do Comitê Paraolímpico Brasileiro, onde mostrava corpos com deficiência no esporte de alto nível. Logo após a exibição das imagens e da fita, foi aplicado um segundo questionário abordando novamente as concepções sobre corpo, corpo perfeito e corpo com deficiência, as percepções tidas nas imagens e as relações entre corpo com deficiência, qualidade de vida, saúde, esporte e atividade física.

Para análise dos dados dos questionários, foram criadas categorias de análise, intituladas de “concepções biológicas”, “concepções intermediárias” e “concepções sócio-culturais”, as quais estão com fundamentação teórica em Lüdorf (2003).

Em seguida, realizou-se uma análise individualizada de cada questionário, separadamente por semestre e, posteriormente de forma conjunta, a fim de destacar as Palavras chave:, classificá-las de acordo com as categorias e interpretar a mensagem, possibilitando assim, em primeiro momento, apresentar índices quantitativos.

Para interpretar os dados sobre o fenômeno pesquisado, recorreu-se à pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Flick (2004) os métodos qualitativos consideram a subjetividade do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados. As reflexões/impressões dos pesquisadores sobre os dados coletados tornam-se dados em si próprios e constituem parte da interpretação.

Escolheu-se a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) para a análise dos resultados deste estudo. De acordo Bardin (1977, p. 38) a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

## DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

### Questionário I

A partir das classificações das respostas em categorias, foi possível identificar de maneira clara as concepções que os acadêmicos ingressos do curso de Educação Física - Licenciatura/UFSM possuem em relação ao corpo.

Destaca-se que o enfoque principal deste estudo foram as concepções sobre corpo deficiente, para tal, percorreu-se um caminho diferenciado, identificando inicialmente as concepções sobre corpo dentro de um âmbito geral, posteriormente as concepções sobre corpo perfeito e, por fim, de forma direta, as concepções sobre corpo deficiente. Desta forma, foi possível obter respostas que foram se completando, esclarecendo e ratificando a concepção em cada uma das respostas, dando também mais credibilidade aos dados.

A categoria chamada “concepções biológicas” abarca a compreensão do corpo de forma reducionista, visando especialmente aspectos técnicos, biológicos e externos. Já aquela, intitulada “concepções sócio-culturais” compreenderia uma visão crítica do corpo e suas relações com a sociedade, tendo este corpo um papel a desempenhar no meio em que está inserido. Nesta categoria incluíram-se também todas as concepções que criticaram os padrões e pré-conceitos impostos socialmente. Na categoria “concepções intermediárias”, incluíram-se concepções que apresentam e compreendem o corpo como um todo (corpo-mente) e ainda, foram incluídas as concepções que vêem o corpo como um conjunto harmônico/equilibrado consigo mesmo e saudável, entretanto, desconsiderando os aspectos sócio-culturais que o marcam e influenciam.

Em relação à pergunta “qual sua concepção de corpo”, obteve-se 50% das respostas dentro da categoria “concepções biológicas”, tendo respostas como: é um conjunto de partes; é um instrumento;

38% na categoria “concepção intermediárias” com: é o indivíduo como um todo; é um conjunto harmônico e 12% na categoria “concepções sócio-culturais” como por exemplo: é o que está relacionado ao movimento e está afetado pelo meio e pelo ambiente em que está inserido.

Na segunda pergunta, os acadêmicos foram questionados sobre suas concepções de corpo perfeito. 48% das respostas se incluíram na categoria “concepções biológicas”, com respostas destacando estética, ausência de deficiência e eficiência nos gestos motores; 46% na categoria “concepções intermediárias”, onde foi considerado o corpo em equilíbrio e o corpo saudável como aquele perfeito e 6% na categoria “concepções sócio-culturais”, onde foi colocado que não existe corpo perfeito, sendo isto uma construção social.

Sobre a concepção de corpo deficiente, 70% das respostas se classificaram como “concepções biológicas”, quando este foi considerado como aquele com falta de membros e com limitações; 21% das respostas em “concepções intermediárias”, quando foi colocado como um corpo com capacidades e como um corpo que não está em equilíbrio consigo; 9% das respostas em “concepções intermediárias”, onde o corpo deficiente foi considerado como diferente dos padrões estéticos impostos socialmente.

Considerando os índices acima apresentados, identifica-se que ainda há uma predominância de concepções biológicas, ou seja, o corpo é compreendido como um conjunto de partes (de músculos, ossos e articulações), limitados à epiderme, sendo que com este corpo, o professor de Educação Física assumiria um papel de instrutor de habilidades, treinador e “moldador de musculaturas”.

Conforme foi exposto por Lüdorf (2003), todas estas concepções têm relações com a trajetória histórica de como o corpo foi e vem sendo abordado pela Educação Física. Infere-se também que o fato de se tratar de acadêmicos dos semestres iniciais em Educação Física pode ter tido interferências nestes índices, especialmente por que disciplinas como Morfofisiologia dos Sistemas e Bases Biofisiológicas do Movimento Humano têm bastante ênfase nestes semestres, sendo disciplinas que abordam a questão do corpo enfatizando os aspectos biológicos principalmente, entendendo a composição deste corpo bem como seu funcionamento.

Os dados identificados também compactuam com a ideia de Lüdorf (2005) que, diante da valorização do corpo numa perspectiva biológica, afirma que isto não é uma novidade em relação ao contexto da Educação Física. A autora coloca que “a valorização poderia ser interpretada como a cristalização da tendência da biologização, já mencionado há uma década e meia, quando a Educação Física seria restrita à educação do físico e do corpo sob ótica biológica” (p. 05).

Destaca-se as pontuações referentes ao item corpo perfeito. Sabe-se que a Educação Física, dentro de uma concepção de senso comum, é vinculada com questões estéticas do corpo, sendo compreendida como uma área responsável por modelar os corpos, excluindo desta forma os corpos que dificilmente ou de forma alguma, têm como mudar externamente, como acontece com os corpos com deficiências físicas, por exemplo.

Porém, em relação ao exposto acima, os acadêmicos de Educação Física, vêm se posicionando mais criticamente. Identificou-se que as concepções de corpo perfeito foram além de aparência estética, contrapondo a hipótese de que corpo perfeito seria vinculado com estética predominantemente, pois mais de 50% das concepções analisadas consideraram como sendo corpo perfeito todo aquele com saúde, em harmonia nas dimensões bio-psico-sócio-fisiológicas e que possuem capacidades e possibilidades. Pode-se considerar que a questão da saúde foi intensamente citada pelo fato de que esta terminologia está tendo muita ênfase nos meios de comunicação, quando a Educação Física e a atividade física vem sendo relacionada com a conquista da saúde pelos corpos.

Salienta-se que comparando os índices de pontuações dos diferentes semestres, identificou-se uma diminuição de concepções vinculadas estritamente com o corpo biológico, sendo que aumentou significativamente os índices com o passar dos semestres do curso que pontuaram o corpo apresentado como intermediário e sócio-cultural. Quando perguntados sobre como concebem o corpo, as respostas que se enquadraram dentro da categoria “concepções biológicas” foram: 66%, 58% e 37,5% referentes ao 1º, 2º e 3º semestres respectivamente. Na questão que indagava sobre a concepção de corpo perfeito, obteve-se os seguintes índices classificados na categoria “concepções biológicas”: 57%, 55% e 31% referentes ao 1º, 2º e 3º semestres respectivamente. Sobre corpos deficientes, as concepções dentro desta mesma categoria, foram: 78%, 75% e 50%, nesta ordem, referentes ao 1º, 2º e 3º semestres. Infere-se que as discussões e conhecimentos abordados no decorrer do curso vêm interferindo positivamente nas concepções dos acadêmicos de Licenciatura em Educação Física/UFSM

e ratifica-se a questão das disciplinas, pois, de acordo com a grade curricular proposta, no terceiro semestre, por exemplo, disciplinas como Filosofia da Ciência, Antropologia do Movimento e Atividades Rítmicas, já apresentam discussões sobre o corpo para além dos aspectos biológicos e sim, do corpo marcado social e culturalmente.

Destaca-se que são necessárias iniciativas que tragam presentes reflexões acerca do corpo, atendendo o que Libâneo (2001) diz quando destaca que há uma dimensão pedagógica da Educação Física em todos os lugares em que ela acontece e tais atividades físicas e esportivas implicam uma ação pedagógica: na explicitação de objetivos sócio-políticos e pedagógicos, na condução pedagógica da formação física, no sucesso escolar que os alunos demonstram nas atividades físicas.

Também Lüdorf (2003) destaca que a visão reducionista do profissional sobre o corpo necessita ser superada em direção a postura de educador, quando se acrescenta que a partir desse momento o profissional estaria preparado para atender e inserir dentro da atividade física todos os corpos, independente de qualquer caracterização biológica.

O corpo deficiente foi intensamente vinculado à “falta de partes, a incapacidade, a diferente e também menos habilidoso”, sendo também o corpo deficiente aquele que mais foi identificado com aspectos biológicos em relação aos demais (corpo e corpo perfeito). Destaca-se que ao levar estes conceitos para uma atuação com os corpos deficientes, dificilmente se estabelecerá uma relação construtiva, sendo que estas são limitadas a aspectos biológicos e desconsideram a trajetória cultural deste corpo, também dotado de possibilidades e necessidades de beneficiar sua saúde e qualidade de vida através da atividade física.

Gaio (2006, p. 161) apresenta um entendimento que vem ao encontro da colocação acima:

Às vezes somos corpos deficientes na sua construção biológica, porém capazes na nossa corporeidade [...], explorando nossa motricidade em diversas atividades, conscientes da existência social e cultural do ser humano, e eficiente em diversas tarefas para as quais a vida social organizada nos fornece espaço para participar, como no trabalho, na escola, no lazer e outros.

Para a análise da quinta questão do questionário foram criadas 2 categorias de análise: uma classificando as respostas que identificavam relações de possibilidades entre o corpo com deficiência e a prática de atividades físicas e esportes; outra, incluindo as respostas que identificaram dificuldades e/ou impossibilidades nestas relações.

Desta forma, identificou-se que as relações entre corpo com deficiência e atividades físicas e esportes foram, em sua grande maioria, 90% das respostas, pontuadas como possíveis.

Os acadêmicos acreditam que as atividades físicas e esportes são especialmente importantes para as pessoas com deficiência no sentido de provocar melhorias na vida destas pessoas. Por outro lado, identificou-se também que o corpo com deficiência ainda é visto, em primeiro lugar, pela deficiência, uma vez que esta foi colocada como razão para a prática, pois afirmaram que aquele que apresenta deficiência deve superar seus limites e buscar diminuir os impactos da deficiência, sendo a atividade física e o esporte uma possibilidade para esta necessidade.

## Questionário II

No segundo questionário, aplicado logo após a exibição das imagens de corpos com deficiência na prática de atividades físicas e esporte, aos mesmos 34 acadêmicos do curso de Educação Física – Licenciatura CEFD/UFMS, foram repetidas três das questões que haviam sido contempladas no primeiro questionário além de outras seis questões abertas relacionadas às percepções nas imagens e as possibilidades entre corpo deficiente com esportes, atividades físicas, saúde e qualidade de vida.

Destaca-se que a utilização das imagens não foi com o fim de mudar concepções, mas, oferecer um espaço de apresentação de possibilidades de corpos com deficiência na prática de atividades físicas e esportes, considerando que muitos acadêmicos poderiam não ter conhecimento desta possibilidade, e, a partir de tal, incitar reflexões e discussões que possam, com o tempo, ter interferências sobre as concepções dos acadêmicos. A aplicação do questionário logo após a exibição das imagens foi com o objetivo de perceber como estas interferem de forma imediata na concepção daquele que as assiste, porém não necessariamente muda.

As respostas das três primeiras questões foram analisadas dentro das mesmas categorias de análise do Questionário I.

Na pergunta “Qual sua concepção de corpo?”, os índices foram: 38% na categoria “concepções biológicas”, 57% na categoria “concepções intermediárias” e 5% na categoria “concepções sócio-culturais”.

Sobre corpo perfeito, o segundo questionário identificou 35% das respostas na categoria “concepções biológicas”; 65% na categoria “concepções intermediárias”, e nenhuma resposta na categoria “concepções sócio-culturais”.

Em relação à pergunta sobre a concepção de corpo deficiente, obteve-se 55% das respostas classificadas na categoria “concepções biológicas”; 36% na categoria “concepções intermediárias” e 9% na categoria “concepções sócio-culturais”.

Comparando os índices quantitativos referentes ao primeiro e segundo questionário, podemos identificar que as pontuações majoritárias migraram de concepções biológicas para concepções intermediárias, como podemos visualizar no Quadro 1.

**Quadro 1. Comparação entre Questionários 1 e 2**

<b>Qual sua concepção de corpo?</b>			
Questionário	Concepções biológicas	Concepções Intermediárias	Concepções Sócio Culturais
1	50%	38%	12%
2	38%	57%	5%
<b>Qual sua concepção de corpo perfeito?</b>			
Questionário	Concepções biológicas	Concepções Intermediárias	Concepções Sócio Culturais
1	48%	46%	6%
2	35%	65%	0%
<b>Qual sua concepção de corpo deficiente?</b>			
Questionário	Concepções biológicas	Concepções Intermediárias	Concepções Sócio Culturais
1	70%	21%	9%
2	55%	36%	9%

Pode-se identificar que houve mudanças perceptíveis e consideráveis nas concepções apresentadas pelos acadêmicos logo após a exibição das imagens. Visualiza-se que aconteceram mudanças nas três questões, sendo que em todas o índice das “concepções intermediárias” aumentou, reduzindo os índices das “concepções biológicas”. Porém, percebe-se também que nas duas primeiras questões houve redução nos índices da categoria “Concepções Sócio Culturais”. Compreende-se que esta mudança ocorreu porque as concepções dos acadêmicos em relação ao corpo ainda não estão bem claras e definidas, especialmente no que tange a compreensão da relação entre questões sócio-culturais e os corpos que fazem parte desta sociedade e desta cultura.

Destaca-se que houve mudanças especialmente nas concepções sobre corpo deficiente, como se pode observar no Quadro 1. Quando as concepções sobre corpo deficiente eram no primeiro questionário 70% vinculadas à conceitos biológicos, no segundo questionário este índice reduziu para 55%, aumentando conseqüentemente as concepções sobre corpo deficiente classificadas como intermediárias. O índice de concepções sócio-culturais se manteve igual.

Identificou-se que mesmo sendo a concepção sobre corpo deficiente ainda classificada predominantemente dentro das “concepções biológicas”, as imagens apresentadas permitiram que os acadêmicos começassem a entendê-lo e reconhecê-lo como um corpo que apresenta possibilidades e capacidades, ainda que às vezes, limitadas. Isso se comprova com algumas respostas por eles apresentadas: “eles têm muitas vezes maiores capacidades e habilidades do que pessoas sem deficiência”; “ter algum tipo de deficiência física não é ser incapaz”; “não possuir algum membro não que dizer deficiência”. Infere-se que as imagens apresentadas interferiram significativamente nas respostas, pois, nas imagens apresentadas, os acadêmicos tiveram oportunidade de visualizar as possibilidades do corpo deficiente, tanto na prática de atividades física como no esporte de alto nível.

Estas considerações permitem visualizar o que Gaio e Porto (2006, p. 13) colocam: “o momento histórico vem sendo marcado pela ressignificação do fenômeno da deficiência, isto é, um novo

significado para os corpos 'incompletos', rumo a um novo entendimento de ser humano, e pela reconceituação do termo eficiência".

Acredita-se no espaço da graduação como aquele privilegiado para o limiar e/ou continuidade do processo de reflexões e discussões entre os acadêmicos sobre a temática dos corpos deficientes, para assim estes "serem vistos e aceitos, admirados e aplaudidos pelas suas possibilidades e não pelas suas ausências, incapacidades e desvantagens" (Gaio e Porto 2006), pois, como nos colocou Duarte Jr. (1989) o ser humano não é determinado apenas biologicamente, pois ele inventa, cria sua própria maneira de viver, sendo o agente construtor da sua realidade social e cultural. A liberdade de ação que faz do mundo humano um complexo social, não pode ser considerada meramente como um fator do poder físico ou biológico do ser homem ou mulher.

Na análise individual de cada semestre, pode-se identificar que as maiores mudanças ocorreram nas respostas do 3º semestre, uma vez que no primeiro questionário 15 respostas foram classificadas dentro da categoria "concepções biológicas" e, no segundo questionário este número foi reduzido para 9 respostas classificadas na referida categoria de análise.

Vale relembrar que já no primeiro questionário as concepções classificadas dentro da categoria "concepções biológicas" foram as de menor índice aquelas apresentadas pelo 3º semestre e, neste segundo questionário, este índice reduziu ainda mais, como podemos visualizar a seguir: sobre concepções de corpo obtivemos dentro da categoria concepções biológicas: 66%, 30% e 16% referentes ao 1º, 2º e 3º semestre respectivamente; nas concepções sobre corpo perfeito os índices foram: 50%, 40% e 16% também na ordem de 1º, 2º e 3º semestre; sobre a concepção de corpo deficiente identificou-se: 58%, 70% e 41 %, referentes ao 1º, 2º e 3º semestres respectivamente.

Desta forma, ressalta-se a repercussão das imagens apresentadas nas respostas imediatas dos acadêmicos bem como a forma positiva que o curso de Educação Física vêm interferindo sobre as concepções de corpo destes.

No segundo questionário os acadêmicos foram novamente questionados sobre como percebem a relação entre atividades físicas, esporte e pessoas com deficiência após a exibição das imagens e, de forma idêntica ao primeiro questionário, os acadêmicos colocaram esta relação como possível, agora em porcentagem máxima. Porém, identificou-se que esta possibilidade ainda apresentou-se condicionada, em primeiro lugar, pela deficiência, na maioria das respostas, pois, de acordo com estas: "o esporte proporciona um estímulo de viver para estas pessoas"; "é uma possibilidade de driblar a deficiência"; "é uma amostra de superação dos limites", ou seja, para estes corpos, o esporte e a atividade física deve ser mais estimulado, de modo a superar seus limites e buscar diminuir os impactos e/ou amenizar a deficiência. Dessa forma, vê-se imbricada nesta possibilidade uma série de preconceitos.

Tolocka (2006, p. 183) ao falar sobre a dança em cadeiras de rodas denuncia uma situação idêntica e que se assemelha aos dados aqui apresentados:

Muitas vezes, preconceitos sociais aparecem de forma velada no palco, apresentam-se dançarinos estigmatizados, [...] "cadeirantes" aparecem sendo empurrados para lá e para cá por "andantes" que não utilizam a cadeira de rodas com um elemento coreográfico e sim como um objeto que pode mostrar como eles são "piedosos". E, na plateia, olhares curiosos vão se apiedando dos "cadeirantes", reforçando sua condição de inferioridade, ao mesmo tempo em que aplausos e lágrimas surgem para valorizar o esforço feito e a "bondade" demonstrada.

Foram 13 as respostas que afirmaram que o corpo deficiente pode realizar atividades físicas e esportes como outra pessoa qualquer, independentemente de ser um corpo deficiente ou biologicamente perfeito, "porque somos iguais e temos possibilidades". Afirmaram que o fundamental é "querer e ter força de vontade", e a partir disso qualquer prática de atividades físicas e esportes torna-se possível à qualquer corpo.

Quando questionados se é possível a um corpo deficiente ter saúde e qualidade de vida, identificou-se unanimidade nas respostas que foram pontuadas como possíveis, uma vez que a maioria destacou que deficiência não é sinônimo de doença, ou seja, uma independe da outra, já que consideraram a saúde como uma condição fisiológica dotada a todos os seres humanos e melhorada com uma qualidade de vida, sendo então, possíveis a qualquer corpo e também ao corpo com deficiência que deve aceitar-se e buscar hábitos e estilos de vida saudáveis. Destaca-se que estas respostas vieram a desmistificar a hipótese inicial de que deficiência e doença seriam consideradas

como sinônimos por grande parte dos acadêmicos, como acontece dentro das concepções de senso comum. Assim, ratifica-se que as concepções dos acadêmicos estão diferenciadas daquelas de senso comum, mostrando alguns índices motivadores.

Afirmaram também que para uma pessoa ser saudável, necessita estar bem em todos os aspectos e não apenas livre da doença. Desse modo, a condição biológica do corpo, que para muitos é determinante para definir se um corpo é saudável ou não, tornou-se um fator secundário.

Desta forma, vislumbra-se que o curso de Educação Física – Licenciatura está caminhando dentro de uma perspectiva positiva e atendendo o que Tolocka (2006, p. 185) coloca como uma necessidade para a Educação Física:

A Educação Física terá que assumir seu papel de educadora, abrigar e avaliar a diversidade humana, buscar a participação efetiva dos membros da comunidade em suas atividades; não se trata apenas de fazer esporte de base ou de alto nível, mas de oferecer condições para que, dentro e fora da escola, as pessoas tenham acesso às atividades; para que, por meio delas, possam refletir sobre a condição humana e buscar valores que permitam o convívio social igualitário.

Em relação às imagens apresentadas aos acadêmicos, utilizou-se fotos de pessoas com deficiência na prática de atividades físicas e a fita promocional do Comitê Paraolímpico, onde apareciam pessoas com deficiência no esporte de alto nível. Enquanto as primeiras imagens eram fotografias, portanto, sem movimento e sem sons, a fita era marcada pelos corpos em movimento com uma música bastante emotiva falando sobre a superação de limites e possibilidades de todos serem campeões.

Na percepção dos acadêmicos sobre estas imagens identificou-se que aquelas veiculadas pela fita foram as mais marcantes, uma vez que nas respostas à pergunta sobre as percepções nas imagens obteve-se de forma majoritária: “superação de limites”; “todos podemos ser campeões, basta força de vontade” e “as limitações são possíveis de ser superadas através do esporte” sendo estas falas estreitamente relacionadas à música e as imagens da fita apresentada. Assim, destaca-se que recursos que se utilizam do som e de imagens em movimento chamam mais atenção daqueles que os assistem. Ao mesmo tempo em que esta identificação foi possível, acredita-se que as imagens das fotografias também tenham tido interferências nas respostas do segundo questionário, porém, com menor ênfase devido à ausência de sons e movimentos.

## CONCLUSÃO

Diante dos resultados encontrados neste estudo pode-se perceber que o curso de Educação Física – Licenciatura CEFD/UFSM vem trabalhando dentro de uma perspectiva onde os acadêmicos estão revendo alguns conceitos e, pouco a pouco, desvinculando-se de conceitos unicamente biológicos e limitados sobre as pessoas com o corpo biologicamente deficiente o que vem ao encontro com Reid apud Pedrinelli e Verenguer (2005, p. 10), quando coloca que as “pessoas com deficiência são aquelas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas e, devem ser vistas muito menos do ponto de vista biológico e muito mais do ponto de vista ambiental, ou seja, como parte integrante de toda humanidade”.

Acredita-se que a forma como se compreende o corpo interfere diretamente sobre a forma que se trabalha com este corpo e, enquanto profissionais de Educação Física, que trabalham essencial e diretamente com o corpo em movimento, são necessárias reflexões e iniciativas que levam estes a compreender os corpos além de suas aparências e marcas biológicas.

Percebeu-se que as imagens apresentadas aos acadêmicos tiveram interferências significativas nas suas respostas imediatas, uma vez que se pretende destacar que este recurso didático pode ser utilizado em aulas para discussões sobre esta e outras temáticas. Por outro lado, o presente estudo não nos permite afirmar que houve mudanças nas concepções dos acadêmicos sobre corpo e corpo com deficiência, pois a metodologia utilizada apenas pode identificar as mudanças nas concepções logo após a exibição das imagens, o que não permite segurança de afirmar que houve mudanças nas concepções de forma definitiva.

Acredita-se que os dados devam ser discutidos mais intensamente com a própria amostra do estudo bem como com os demais acadêmicos deste e de outros cursos de Educação Física. Vê-se que

ainda são necessárias e possíveis mudanças nas concepções dos acadêmicos, uma vez que se percebeu que existem dúvidas e concepções confusas sobre corpo e corpo com deficiência. Sabe-se também que isto não ocorre como num “passe de mágica”, mas envolve um lento caminho de discussões e processos coletivos visivelmente já iniciados. De acordo com o que foi possível identificar, vislumbra-se iniciativas de mudanças oriundas de um novo olhar sobre a problemática da deficiência, tendo como ponto de partida o corpo biologicamente deficiente e, acredita-se que como ponto de chegada, o corpo para além da deficiência.

Destaca-se assim a relevância deste estudo como uma iniciativa de trazer presente para o espaço da graduação discussões acerca da diversidade humana a partir do parâmetro da diversidade dos corpos e sugere-se que novos estudos sejam realizados refletindo sobre esta mesma temática neste e em outros cursos de graduação em Educação Física, quando será possível ampliar e aprofundar as discussões a inserção dos corpos com deficiência nos espaços da Educação Física, democratizando o acesso à prática de atividades físicas em prol da qualidade de vida de todas as pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DUARTE JR., J. F. **O que é realidade**. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1989.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GAIO, R. & PORTO, E. Educação Física e Pedagogia do Movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: De Marco, A. (org.). **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GAIO, R. **Para além do corpo deficiente**: histórias de vida. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2006.

LIBÂNEO, J. C. A prática pedagógica da Educação Física nos tempos e espaços sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, CD-Rom (Anais XII Conbrace), 2001.

LÜDORF, S. M. A. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. In: **Pensar a Prática**. Goiás (UFMG), v.8, n.2, 2005.

\_\_\_\_\_. Concepções de corpo na graduação em Educação Física: um estudo preliminar com professores. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital. Buenos Aires, v. 9, n. 66, nov, 2003.

PEDRINELLI, V. J. & VERENGUER, R. de C. G. Educação Física Adaptada: Introdução ao Universo das Possibilidades. In: GORGATTI, M. G. & COSTA, R. F. da (organizadores). **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

TOLOCKA, R. E. Educação Física e Diversidade Humana. In: De Marco, A. (org.). **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.